

Saúde dispensa ponte aérea

Marcondes Gadelha

Deputado federal (PFL/PB)

Brasília tem, hoje, a melhor medicina pública do País. Não me refiro apenas à qualidade, mas à extensão desses serviços e à integridade com que chegam ao usuário, por mais humilde e mais socialmente segregado.

Mas a Fundação Hospitalar do Distrito Federal, gestora do sistema, sabe que ainda há muito por fazer e não descansa sobre os louros, mas se empenha de forma estrênua por novas realizações na busca da excelência.

A mais nova estrela de um conjunto já formidável de instituições hospitalares e assistenciais é a unidade a que se chamou Bloco Materno-Infantil Médico Luís Torquato Figueiredo do Hospital Materno-Infantil de Brasília, inaugurado na semana passada pelo governador Joaquim Roriz.

Trata-se de um centro de atendimento em obstetrícia e neonatologia com 3.300 metros quadrados de área

construída e dotado de equipamentos de última geração, comparáveis com o que há de mais avançado em tecnologia nos grandes hospitais do Brasil.

O projeto é arrojado, com instalações amplas, arejadas e bem iluminadas, com atenção especial à ergonomia, ao bem-estar dos pacientes e ao bom desempenho dos servidores. São 29 leitos para acompanhamento das diversas fases e características do trabalho de parto e 44 leitos para a UTI Neonatal, distribuídos como segue: 16 para ventilação mecânica, 16 semi-intensivos e 16 de médio risco, além de uma sala de assistência da identificação do recém-nascido.

O Bloco Materno-Infantil do HMIB conta ainda com um banco de leite humano, salas de prescrição, postos de enfermagem, sala de ecografia, sala de apoio ao diagnóstico, depósito de material e equipamentos, etc.

O custo da obra foi relativamente pequeno para suas características, sobretudo quando relacionado aos benefícios a serem auferidos pela

comunidade: algo em torno de R\$ 2,7 milhões, advindos sobretudo da União, por meio de emenda coletiva da bancada do Distrito Federal no Congresso Nacional, o que reafirma, uma vez mais, o comprometimento desse colegiado com o interesse coletivo.

A denominação é uma homenagem ao dr. Luís Torquato, médico de origem norte-rio-grandense, falecido há dois anos e que durante mais de uma década foi diretor do HMIB, servindo com extraordinário zelo e dedicação, tornando-se um exemplo como administrador e um modelo como profissional.

A execução da obra levou quase três anos e esteve a cargo, desde os seus lineamentos básicos, de um outro nordestino determinado e ousado, dr. Avelar de Holanda Barbosa, que assumiu o desafio de asse-

gurar à medicina sua face humana por vivência havida desde a remota infância nos ermos da cidadezinha de Paulo Jacinto, em Alagoas, passando pelos leitos juncados por

doenças de massa ou ligadas à condição social, na faculdade de medicina ou nos hospitais universitários de Recife.

Sabe o dr. Barbosa, como sabemos nós, que Brasília não pode encistar numa

redoma de cristal e cegar para a realidade ao largo, desconhecendo a realidade do seu Entorno ou a demanda por seus serviços que vêm dos mais recônditos confins deste País.

Considerar-se vítima do seu próprio sucesso e fugir das responsabilidades a ele inerentes seria uma postura egoísta e arrogante que não condiz com sua imagem de ponto de convergência e amálgama de todas

as esperanças.

Ao contrário, devem-se tomar as brilhantes realizações no campo de assistência médica, por exemplo, como estímulo para avançar e consolidar ainda mais a posição como estuário das vontades nacionais.

Neste caso, concordo com o dr. Jofran Frejat, secretário de Saúde, quando diz que, a essa altura do seu crescimento, a Fundação Hospitalar do Distrito Federal já pode aspirar a um novo paradigma e formar, ela própria, os seus médicos, isto é, ter ela própria a sua faculdade de medicina, já que, além da assistência médica, a Fundação provê o que há de melhor em termos de pós-graduação e complementação à graduação de médicos do Distrito Federal e de vários estados da Federação.

Foram-se os tempos da maledicência; foram-se os tempos em que o meio cultural médico, acadêmico e assistencial de Brasília era insultado e denegrado por políticos e jornalistas, em instantes de maus bofes. Brasília é hoje respeitada e acatada como referência nacional.

Brasília não pode encistar numa redoma, desconhecendo a realidade de seu entorno ou a demanda oriunda de todo o País